

A poética das águas em Thiago de Mello: um *Acerto de Contas* com o rio e com a vida

The poetry of the waters in Thiago de Mello: a *Settlement* with the river and the life

Maria Iracilda Gomes Cavalcante Bonifácio*

*Universidade Federal do Acre, UFAC, Rio Branco - AC, 69920-900,
e-mail: iracildagcb@gmail.com

Resumo: O presente trabalho tem como proposta analisar como se configuram as relações entre o eu-lírico e o elemento “água” na obra *Acerto de Contas*, de Thiago de Mello (2015), a partir de um recorte que privilegia o rio como *locus* enunciativo. Imagem recorrente na poética de Mello, o “rio” constitui mais que o aporte geográfico de onde o poeta entoa seu canto, tornando-se o companheiro com quem compartilha suas emoções e afetos, reavivando imagens e lembranças da vida cotidiana por meio da afirmação das identidades amazônicas em sua ligação com o mundo. Com base em Bachelard (2002), Paz (2012) e Tynianov (1983), discutimos a relação de interação do eu-lírico com seu espaço, a Amazônia, evocando sentimentos e emoções que transcendem o plano regional para entrar em contato com o que é comum a todos nós, as inquietações sobre o sentido de nossa própria existência no mundo.

Palavras-Chave: Thiago de Mello; Poética do Espaço; Identidades Amazônicas.

Abstract: This paper aims to analyze how the relations between the poetic persona and the element “water” in Thiago de Mello's work “*Settlement of Accounts (Acerto de Contas)*” (2015) are set, based on a clipping that privileges the river as an enunciative *locus*. A recurring image in Mello's poetics, the “river” is more than the geographical contribution from which the poet sings his song, becoming the companion with whom he shares his emotions and affections, reviving images and memories of everyday life through the affirmation of the Amazonic identities in their connection with the world. Based on authors such as Bachelard (2002), Paz (2012) and Tynianov (1983), we make some considerations about Thiago de Mello's poetics and the interactional relationship between the poetic persona and his space, the Amazon, evoking feelings and emotions that transcend the regional plan to get in touch with what is common to all of us, the concerns about the meaning of our own existence in the world.

Key words: Thiago de Mello. Poetry of space. Amazonic Identities.

INTRODUÇÃO

A história da literatura brasileira, ao longo dos séculos, construiu-se a partir de uma tensão de forças entre aqueles que defendem a constituição de um cânone e os que

questionam sua formatação. Nessa perspectiva, é natural que a História da Literatura seja reescrita constantemente, tendo em vista que à medida que o tempo avança, mudam também os contextos de produção e de recepção das obras literárias, assim como o grau de importância atribuído a elas.

Carlos Alexandre Baumgarten (2014, p. 162) considera que os manuais escritos sob uma perspectiva historiográfica tradicional transmitem a falsa ideia de condensar a totalidade da literatura brasileira, ao deixarem diversas obras e autores à margem de seus registros. Em vista disso, diferentes publicações, desde antologias até propostas de histórias literárias estaduais e regionais, apresentam uma tentativa de complementar as lacunas existentes nos manuais de história da literatura brasileira.

Na perspectiva de refletir sobre as fissuras e margens das categorizações canônicas no contexto da Literatura Brasileira contemporânea, este trabalho traz à discussão a obra do amazonense Thiago de Mello, cotejando seus apagamentos e silenciamentos frente à crítica nacional ao mesmo tempo em que segue cada vez mais aclamada por estudiosos no plano internacional, conquistando ainda hoje inúmeros leitores tanto no Brasil quanto no exterior. Ressaltamos que neste trabalho não nos ateremos ao questionamento quanto à sua inserção ou não no cânone literário nacional, mas a uma proposta de leitura que caminhe na perspectiva de refletir sobre como a obra de Thiago de Mello se apresenta como leitura do ser no mundo a partir de uma poética do espaço (BACHELARD, 2008; 2002).

A obra de Thiago de Mello apresenta um profundo comprometimento com os valores humanos a partir de uma estetização do espaço, revelando uma interação solidária da humanidade mediada por sua relação com o rio e com a vida. Nessa perspectiva, no presente trabalho temos como proposta analisar como se configuram as relações entre o eu-lírico e o elemento “água” na obra *Acerto de Contas*, de Thiago de Mello (2015), por meio de um recorte que privilegia o rio como principal *locus* enunciativo.

O “rio” constitui elemento marcante na poética de Thiago de Mello, configurando mais que o espaço geográfico de onde o poeta entoa seu canto. É ele o companheiro com quem compartilha suas mais profundas relações de afetividade e emoção, e o elemento por meio do qual reaviva imagens e lembranças do cotidiano, reafirmando suas identidades amazônicas em uma intrínseca ligação com o mundo.

Segundo Gaston Bachelard (2002), a água é uma realidade poética completa, tendo em vista que é capaz de agrupar as imagens e dissolver as substâncias, auxiliando a imaginação em sua tarefa de desautomatização do olhar, desobjetivação e assimilação.

Na composição com outros elementos do poema, é ela que predomina, por isso, a “água imaginária” atua como um elemento das transações, como o esquema fundamental das misturas (BACHELARD, 2002, p. 14).

Para o filósofo francês, a água condensa uma das maiores valorizações do pensamento humano, a pureza, ao mesmo tempo em que também desenvolve uma outra faceta, a da imaginação. Por sua essência dinâmica, a água é a imagem da persistência, podendo, assim, tornar-se “água violenta”:

Desse modo, a água nos aparecerá como um ser total: tem um corpo, uma alma, uma voz. Mais que nenhum outro elemento talvez, a água é uma realidade poética completa. Uma poética da água, apesar da variedade de seus espetáculos, tem a garantia de uma unidade. A água deve sugerir ao poeta uma obrigação nova: a unidade de elemento. (BACHELARD, 2002, p. 17).

Ao discorrer sobre sua poética das águas, Bachelard considera as multiplicidades de substâncias com as quais esse elemento transparece no fazer poético, podendo se materializar como águas claras e brilhantes, águas vivas, que renascem em si mesmas, e, por fim, águas amorosas. A água é o elemento das misturas; em contato com a terra, transforma-se em massa a ser moldada, numa constante experiência de fluidez e maleabilidade. Para Bachelard (2002, p. 7), “O ser ligado à água é um ser em vertigem. Morre a cada minuto, alguma coisa de sua substância desmorona constantemente” (BACHELARD, 2002, p. 7). Entretanto, pelo caráter de renovação constante da água, essa morte não é decisória, apenas um porto de passagem para novas experiências que fluem do olhar do poeta cotidianamente.

Nesse contexto, observamos na obra de Thiago de Mello um olhar que focaliza o mundo por meio de uma poética do rio, que tem nas águas um elemento que impele aos devaneios, entranhando-se nas sinuosidades da sua imaginação, revolvendo suas memórias. Em sua obra, o poeta parte de suas experiências pessoais na busca de transcender o cotidiano, de responder às inquietações mais profundas do ser no mundo. Sua poesia se faz a partir de questões essenciais da humanidade, suas dores, alegrias, medos e esperanças.

THIAGO DE MELLO: UMA VOZ INSUBMISSA ENTRE O RIO, O TEMPO E A VIDA

A voz insubmissa de Thiago de Mello se faz presente em versos que acionam a produção de imagens que conduzem a sensações visuais da fluidez do curso de um rio, com suas vozes líquidas ou como o silêncio molhado da linguagem. Nessa perspectiva, lembrar a origem do poeta é fundamental para se compreender o modo como sua obra é atravessada pela sua relação com o espaço. Nesse sentido, ressaltamos que os rastros da trajetória de Thiago de Mello aqui delineados não apresentam pretensão biográfica, consistindo mais em um recorte para compreendermos a relação indissociável de sua poesia com a vida.

Amadeu Thiago de Mello nasceu em 30 de março de 1926 na cidade de Barreirinha, Amazonas, mudando-se ainda criança para Manaus, onde cursou seus estudos primários no Grupo Escolar Barão do Rio Branco e no Gymnasio Amazonense D. Pedro II. Nessa época, teve seu primeiro contato com a obra de Machado de Assis, desenvolvendo seus primeiros passos no enlace com a literatura (MELLO, 1984).

Por volta dos 17 anos muda-se para o Rio de Janeiro, onde ingressa na Faculdade Nacional de Medicina. Do contato com esse efervescente meio intelectual, Thiago de Mello colheu um grande aprendizado no convívio com poetas consagrados, sobretudo os da chamada “Geração de 45”. Como companheiros dessas primeiras jornadas poéticas, tem nas pessoas de Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade grandes amigos e incentivadores.

Em seu livro de estreia, “Silêncio e Palavra” (1951), Thiago de Mello se lançava no cenário poético brasileiro dialogando com os moldes da poesia da “Geração de 45”, cujos grandes nomes então se revelavam. O livro foi recebido com entusiasmo pela crítica e por vários escritores da época, sendo aclamado por nomes como Álvaro Lins, José Lins do Rego, Tristão de Ataíde, Manuel Bandeira e Sérgio Milliet (LIMA, 2012, p. 31).

Diante do universo novo que então se descortinava, o poeta resolveu não seguir a recomendação dada por Carlos Drummond de Andrade, que temeroso por seu futuro, aconselhou-o: “Não faça isso, ninguém vive de poesia no Brasil”. (MELLO; MELLO, 2017, p. 84). Decidiu então entregar-se de vez à poesia, abandonando a Faculdade de Medicina. Logo em seguida, ingressou na diplomacia, dedicando-se mais intensamente à literatura. Nessa época, lançou “Narciso Cego” (1952), “A Lenda da Rosa” (1956) e “Vento Geral” (1960).

Entre os anos de 1959 e 1964, dirigiu o Departamento Cultural da Prefeitura do Rio de Janeiro, participando também de várias missões como Assessor Cultural na

Embaixada do Brasil, em 1959 em La Paz - Bolívia, depois em Santiago - Chile, onde permaneceria até 1965 (NASCIMENTO, 2014, p. 58). Ao chegar ao Chile, foi recebido por Pablo Neruda, com quem firmou uma profunda amizade e ao lado de quem trabalhou por vários meses na tradução da obra do amigo, ao mesmo tempo em que auxiliava Neruda a traduzir para o espanhol seus próprios livros. Alguns meses depois de tomar conhecimento da instauração da Ditadura Civil-Militar no Brasil, em 1964, Thiago de Mello desempenhou um importante papel no acolhimento dos exilados brasileiros que chegavam ao Chile, encaminhando aqueles que desenvolviam atividades acadêmicas para a ocupação de diversos cargos no país.

Ao regressar ao Brasil, publica *Faz escuro mas eu canto* (1965), obra escrita em resposta ao desalento dos tempos sombrios que o Brasil atravessava durante o Regime Militar. Nesta obra, composta por poemas que se revelam como um acalento ao coração inquieto da humanidade, Thiago de Mello se apresenta como um homem aberto aos anseios coletivos do povo brasileiro, como uma voz que canta, por mais impenetrável que pareça, a escuridão da hora da travessia, conforme afirmou Otto Maria Carpeux, no texto de apresentação do livro.

Em entrevista a Fabrício Carpinejar, Thiago de Mello afirma:

Sempre, desde o meu primeiro livro, fui um poeta comprometido com a vida do homem – e a minha de permeio. Escrevo sobre o que me comove, o que instiga a minha sensibilidade ou a minha inteligência. O que me alegra ou me dói. Quando a Ditadura Militar, com o seu terror cultural e a indignidade da tortura, feriu a própria dignidade da condição humana, os meus versos se ergueram em defesa do homem. [Escrevo] sobre a dor dos deserdados e a esperança de quem tem fé. (MELLO, 2013).

Em 1970 retorna ao Chile, onde permaneceria até a instauração do Golpe Militar de 11 de setembro de 1973. Ao deixar a capital chilena, o poeta segue exilado por diversos países, como Argentina, Portugal, Alemanha e França (MELLO, 2008, p. 15). Além de *Faz escuro mas eu canto* (1965), fazem parte deste conjunto de obras comprometidas com o desejo de liberdade e de resistência aos cerceamentos de direitos *A canção do amor armado* (1966) e *Poesia comprometida com a minha e a tua vida* (1975).

Nesta fase de produção de uma poesia engajadamente humana, o poeta torna-se internacionalmente conhecido como um intelectual engajado na luta pelos direitos humanos, recebendo, em 1975, o prêmio de reconhecimento por seu livro *Poesia comprometida com a minha e a tua vida* (1975) da Associação Paulista dos Críticos de

Arte. Depois dos longos anos no exílio, retorna ao Brasil em 1977, vindo da Alemanha como refugiado das Nações Unidas. Nesses anos, marcados por um misto de solidão e saudade de sua terra, o poeta vivenciou também um grande aprendizado fruto do convívio com diferentes culturas, firmando as bases de sua poesia insubmissa e comprometida com a humanidade.

A distância de sua terra fortaleceu os laços do poeta com o Brasil, levando-o à decisão de regressar ao país, contudo, não para morar no Rio de Janeiro, considerado um dos principais redutos intelectuais do país à época, mas para Barreirinha, sua cidade natal, contrariando todos os seus amigos que tacharam sua decisão de “autoexílio” e “isolamento em sua cidade natal”. Insurgindo-se contra essa visão reducionista, constantemente reafirmada por boa parte da crítica que emana dos autointitulados “grandes centros de debate literário”, a obra de Thiago de Mello segue incólume, tomando um rumo singular no contexto da poesia contemporânea.

Com cerca de setenta e cinco livros publicados no Brasil e no exterior, a obra de Thiago de Mello já foi traduzida para mais de trinta idiomas, destacando-se o francês, o inglês, o espanhol e o alemão, sendo que seu poema *Estatutos do Homem* apresenta-se traduzido para quase todos os idiomas do planeta (MELLO; MELLO, 2017, p. 114). Ao longo de sua trajetória, o poeta recebeu inúmeros prêmios, homenagens e condecorações nacionais e internacionais, dentre eles o recente título de “Personalidade Literária” do Prêmio Jabuti 2018, fato que se contrapõe aos poucos estudos desenvolvidos no meio acadêmico brasileiro, apesar dos inúmeros estudos sobre sua obra em universidades de diversos países do mundo.

De sua vasta obra poética, destacam-se *Silêncio e palavra* (1951), *Narciso cego* (1952), *A lenda da rosa* (1956), *Vento geral* (1960), *Faz escuro mas eu canto* (1966), *A canção do amor armado* (1966), *Poesia comprometida com a minha e a tua vida* (1975), *Os estatutos do homem* (1977), *Horóscopo para os que estão vivos* (1978), *Mormaço na floresta* (1981), *Arte e ciência de empinar papagaio* (1983), *Vento Geral: poesia 1951-1981* (1984), *Num campo de margaridas* (1986), *De uma vez por todas* (1996), *Campo de milagres* (1998), *Poemas preferidos pelo autor e seus leitores* (2001), *Melhores poemas- Thiago de Mello* (2009), *Thiago em HaiKai* (2013), *Como sou* (2013) e *Acerto de Contas* (2015).

Não obstante toda a repercussão de sua obra, Thiago de Mello segue por quase setenta anos como um dos poetas brasileiros mais lidos nas últimas décadas, embora ainda não devidamente estudado. Aqueles que acusam sua poesia de ser composta por versos

simples, ingênuos e utópicos, criticando sua escolha pela Amazônia, longe dos chamados “grandes centros intelectuais do país”, desconhecem o valor de sua produção literária.

O poeta, muitas vezes, tem sido enquadrado pela crítica cosmopolita como antiquado e amante da simplicidade. Sem dúvida, há um enorme abismo entre o que a crítica valoriza no contexto contemporâneo e a proposta poética de Thiago de Mello.

Como o próprio poeta pondera, seu verso não busca o novo:

Trabalho que nem um mouro,
 estou sempre começando.
 Tudo dou, de ombros e braços,
 e muito de coração,
 na sombra da antemanhã,
 empurrando o batelão
 para o destino das águas.
 (O barco vai no banheiro,
 meu destino no porão.)

Nada criei de novo.
 Nada acrescentei às forma
 tradicionais do verso.
 Quem sou eu para criar coisas novas,
 pôr no meu verso, Deus me livre, uma
 invenção. (MELLO, 1996, p. 14).

Ao afirmar não trazer caminho novo à literatura, pois o que tem de novo é seu jeito de caminhar, Thiago de Mello revela em seu fazer poético uma proposta de diálogo com a realidade que se materializa em um horizonte de recepção que se encontra quase em extinção. É um dito “poeta à moda antiga”, que resiste em sua utopia, acreditando que a formação intelectual só tem sentido quando inserida de modo contundente no mundo. Em tempos “modernos”, esta tradição parece ter se perdido, dado o massificante movimento de intelectualização que ainda persiste no contexto da arte contemporânea. Apesar de seu discurso libertário, muitas vezes, essa concepção intelectualizante se desenha almejanste de uma circulação restrita apenas aos centros culturais cosmopolitas, relegando ao apagamento e ao silenciamento as vozes que destoam dessa perspectiva.

Conforme discute Alfredo Bosi (2000), as décadas da segunda metade do século XX foram propícias à valorização do instável e à “resistência poética”. A poesia, escreve o estudioso, “há muito que não consegue integrar-se, feliz, nos discursos correntes da sociedade”, gerando saídas difíceis, como “o símbolo fechado, o canto oposto à língua da tribo, antes brado ou sussurro que discurso pleno, a palavra-esgar, a autodesarticulação, o silêncio”. (BOSI, 2000, p. 165).

A Poesia-Resistência é, assim, constituída pelos modos através dos quais o poético sobrevive às injunções do meio hostil e surdo à prática da fraternidade, não representando o ser da poesia, mas apenas o seu modo historicamente possível de existir no interior do processo capitalista (BOSI, 2000, p. 165). Na contramão desse movimento de apagamento de uma poesia que se autointitula engajada e utópica, Thiago de Mello segue fiel a seu projeto de vida e de poesia comprometida com a humanidade. Predomina em sua poética uma recusa do presente, que se projeta para o futuro em uma poesia-utopia, fruto de uma comovente proposta à fraternidade e à comunhão (BOSI, 2000, p. 170).

Ao se referir ao lugar e à importância da resistência poética no mundo contemporâneo, Bosi declara:

A resistência tem muitas faces. Ora propõe a recuperação do sentido comunitário perdido (poesia mítica, poesia da natureza); ora a melodia dos afetos em plena defensiva (lirismo de confissão, que data, pelo menos, da prosa ardente de Rousseau); ora a crítica direta ou velada da desordem estabelecida (vertente da sátira, da paródia, do *epos* revolucionário, da utopia). (BOSI, 2000, p. 165).

Ao adotar um posicionamento poético que se coloca como literatura de resistência, Thiago de Mello estabelece por meio de seu canto a serviço da liberdade, seu compromisso como intelectual e sua escrita para “libertar os homens do silêncio e da apatia”. Nesse sentido, a Amazônia não é apenas o lugar da infância do poeta, tampouco o reduto de seu “autoexílio”, mas é o lugar de seu presente, onde vive e ao qual se integra em sua poética. É ele um poeta capaz de pensar a dor humana, insurgindo-se contra a injustiça e a ausência de liberdade, refletindo sobre o que há de humano e revolucionário no mundo e em sua própria existência. De modo geral, o principal legado literário de Thiago de Mello é essa figuração de ser humano que assume o compromisso com as causas dos mais fracos e que se insurge contra a opressão. Esse traço apresenta-se em suas primeiras obras, mas também se estende a suas produções mais recentes, como *Acerto de Contas* (MELLO, 2015).

A POÉTICA DAS ÁGUAS EM “ACERTO DE CONTAS”

Lançado em 2015 pela Global Editora, o livro *Acerto de Contas* traz uma avaliação do percurso da produção literária de Thiago de Mello, sendo uma espécie de

ajuste com a poesia e com a vida. Nesta obra, o poeta celebra a vida e a amizade, o tempo do encontro e da partida, da esperança e da alegria, compondo versos de fina sensibilidade, que têm na imagem do rio a metáfora do tempo e da vida, prefigurando um profundo entrelaçar com o sonho e o encantamento.

A obra é dedicada a outros diversos escritores como Joel Rufino dos Santos, José Lins do Rego, Anísio Teixeira, Antonio Candido, Darcy Ribeiro, Gilberto Freyre, entre outros companheiros de jornada, apresentando uma seleção de mais de setenta poemas inéditos escritos durante a trajetória do poeta. Ao longo de seus poemas, a obra celebra o tempo da esperança, da justiça e da alegria, apresentando-se dividida em seis partes:

1. **Tudo o que de mim se perde, acrescenta-se ao que sou** – na qual o poeta canta a alegria do encontro e a dor da perda daqueles que a vida levou, dentre eles o amigo querido da infância;

2. **Na fogueira do que faço por amor me queimo inteiro** – parte iniciada pelo poema “A lição das águas”, em que o poeta canta a perda de seu filho Manuelzinho, seguido de vários poemas que trazem confidências de seus grandes amores;

3. **Quando a amizade alcança o fulgor das estrelas, prescinde do convívio, elide o tempo e canta na memória** – na qual o poeta homenageia desde amigos que já partiram até grandes personalidades que influenciaram sua obra, como Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto, Lúcio Costa, Armando Nogueira, Euclides da Cunha, Aldemir Martins, entre outros;

4. **Pátria de todas as águas, verde de todas as cores** – permeada pela vivacidade de sua trajetória em defesa da humanidade e da natureza, esta parte é dedicada aos amigos que junto com o poeta nasceram ou adotaram a Amazônia como sua pátria, dentre eles Milton Hatoum, Marina Silva, Frans Krajcberg e Chico Mendes;

5. **Faz escuro mas eu canto** – composto por poemas em que se alça o desejo de mudança na humanidade e canta com profundidade os dilemas da condição humana, dedicado aos companheiros do poeta nos tempos do exílio;

6. **Poema perto do fim** – parte que apresenta uma espécie de balanço geral da poesia e da vida do poeta, composta pelo poema *Acerto de Contas*, em que o poeta sentencia: “Estou e sou nos meus livros,/ nada mais tenho a dizer./A não ser as redondilhas que se desprendem de mim/ e já faz tempo me pedem um lugar perto do fim”.

Poeta de fina sensibilidade e de profundo compromisso com o destino da humanidade e da natureza, Thiago de Mello apresenta na obra *Acerto de Contas* uma

poesia que traz como marca a liberdade, tanto no aspecto interior quanto formal. De acordo com Octavio Paz, na produção poética temos uma obra única: “A poesia é conhecimento, salvação, poder abandono. Operação capaz de transformar o mundo, a atividade poética é revolucionária por natureza; exercício espiritual, é um método de libertação interior” (PAZ, 2012, p. 21). Nessa dimensão, acrescenta o poeta, a poesia é livre, forma de liberdade interior, método que afasta e une, revela e cria mundos, mascara e oculta o vazio, sendo o poema um construto de palavras insubstituíveis, em que cada uma é única (PAZ, 2012, p. 21).

Na obra de Thiago de Mello em questão, as palavras são marcadas por um profundo subjetivismo. O poeta preocupa-se com o “eu” no mundo, e, para reforçar essa relação, estabelece com a metáfora do “rio” uma relação de interlocução por meio da qual dirige reflexões a si próprio, sugerindo mais que definindo, deixando para o leitor, irmanado por um sentimento de humanidade, a tarefa de completar os sentidos do texto.

A imagem do “rio” aparece de modo recorrente ao longo de todo o livro, permitindo que o leitor se envolva e se misture com a poesia em uma sensação de encantamento e descoberta. O “rio” apresenta-se, assim, como esse companheiro e confidente constante da vida do eu-lírico, que, ao fazer o balanço de suas experiências de vida, se depara com lembranças carregadas de afetos, emoções e imagens que constroem o amálgama de um sentimento que o liga ao mundo e ao seu lugar.

Nesta primeira parte da obra, encontramos outra referência à relação do eu-lírico com o “rio” no poema *Com o silêncio molhado das funduras do meu rio*. Neste poema, o ritmo é construído a partir da contradição expressa nas imagens do movimento das correntes do rio, que nos colocam diante da oposição entre a espontaneidade e a ordem, entre o ir e vir do fluxo das águas:

COM O SILÊNCIO MOLHADO DAS PROFUNDEZAS DO MEU RIO

Para o meu Jânio, desde 1956, o de Freitas, nós e o Otto Lara

I

As águas sabem

Nenhuma boca humana,
descobriu o que escondi de mim,
nem revelou o fulgor que me
perdeu.

Ninguém me disse a verdade
como o silêncio molhado
das sonoras profundezas.

O limpo lodo do tempo
me roça a luz da pergunta:
_ *Sabes acaso onde estás?*
Estou como sempre sou.
_ *Já sabes dizer quem és?*
_ Me saber já é o de somenos
nestas últimas braçadas.

Crista de espuma esmaltada,
o silêncio me revela:

_ Vejo uns laivos de lanhos,
um canto que se calou,
palavras murchas, resíduos
de lágrimas escondidas,
as asas de um cisne negro,
brasas que adormecem cinzas.
Vejo agora que se movem
umas pedras esverdeadas
num vão do teu pensamento.

Fagulhas ficam de estrelas
no cerne de quem viu mundos.
Mas não são ventos que agitem
a paz das contradições
próprias das profundidades.

Quis que me livrasse delas,
mas num rebojo alegre me
agradou:

_ O que o tempo não apaga,
água não sabe lavar.

II

O espanto do rio

Um só espanto ouviu das
profundezas,
graças à vibração de barbatanas
que lhe esgarçam a pele:
o de não ter divisado
pelos desvãos de meu ser,
sequer a sombra, nem vinco
encruado, resíduos de rancor,
nem caracóis de conchas
engelhadas.

Preferiu, são bondades do
silêncio,
não me contar como se
dissolveram
na espessura impenetrável
da memória adormecida.

Mas o silêncio molhado
leva a bondade ao extremo
no amor pelo seu menino
que nas águas nadou
antes de saber andar,
planta no chão fatigado
assomos de juventude,
a certeza de que luz
não se separa da luz,
deixa reservas na flama,
que acende a indignação.

Vagaroso subo ao sol,
me agasalho na flor d'água.
Sem me queixar do que sou,
deixo o rio me levar
guiado por seu amor.

*Rio Andirá, Feira do Livro de Ribeirão Preto, Docas de Belém do Pará, 2013.
Com Paulo André Barata ao meu lado.*

(MELLO, 2015, p. 24-27).

Embora o poema apresente como marca formal a irregularidade, suas 13 estrofes apresentam um ritmo marcado pela unidade de tempo e pela transição dentro de uma acentuação semelhante, estabelecendo um padrão de sonoridade que se prolonga em todos os versos.

No plano formal, a expressividade fônica do poema é marcada principalmente pela presença de aliterações e assonâncias. O ritmo e a musicalidade do poema ganham cadência por meio das estrofes irregulares (de 1, 2, 4, 5, 6, 7, 9 e 11 versos) mediante a utilização meticulosa do vocabulário e do padrão de tonicidade das palavras. Sobre este aspecto cabe mencionar a tensão criada nos versos iniciais de cada parte do poema, tendo a primeira como mote “As águas sabem” e a segunda “O espanto do rio”.

A respeito do ritmo no poema, Tynianov (1983, p. 452) ressalta a importância de se interpretar a construção poética como um “fluxo dinâmico” que se constrói pela oposição entre o fluxo e a repetição. O estudioso chama a atenção para o perigo de se imobilizar a forma poética, transformando-a em um mero recipiente do conteúdo: “na noção de forma infalivelmente se insinua uma nota de estaticidade, estreitamente ligada à ideia do espaço, em vez disso, deveríamos conceber as formas espaciais como formas dinâmicas *sui generis*” (TYNIA NOV, 1983, p. 451). Essa concepção de dinamismo da forma, descortina para a análise poética uma percepção não estática, assegurada pelo ritmo e encontra sua melhor expressão na imagem do fluxo.

Para O. Brik “O ritmo musical é a alternância dos sons no tempo. O ritmo poético é a alternância das sílabas no tempo. [...] Em suma, falamos de ritmo em toda a parte onde podemos encontrar uma repetição periódica dos elementos no tempo ou no espaço” (BRIK, 1976, p. 131). Assim, são duas as atitudes possíveis com respeito à poesia: alguns acentuam o aspecto rítmico, outros o aspecto semântico.

No contexto do uso das aliterações, a repetição do fonema consonantal /s/ contribui para criar o efeito de sentido demarcado pela imagem poética do encontro do vento com as águas. Para exemplificar, verificamos essa tendência na sequência sonora de palavras como: “As águas sabem”, “silêncio molhado/das sonoras profundezas”, “Sabes acaso onde estás?”, “Já sabes dizer quem és?”, “palavras murchas, resíduos/de lágrimas escondidas”, “asas de um cisne negro”, “brasas que adormecem cinzas”. A repetição desse fonema ajuda a criar a imagem mental do vento revolvendo as águas e agitando as lembranças, como se fizesse emergir das profundezas do rio os sentimentos mais recônditos da alma do eu-lírico.

As aliterações têm um papel importante na construção formal do poema, criando um universo sonoro e rítmico que só se torna ainda mais perceptível quando manifestamos através

da fala, através dos nossos sentidos. De acordo com Brik (1976), só o discurso e não o seu resultado gráfico pode ser apresentado como ritmo, tendo em vista que este é anterior à materialização do verso e guarda certa autonomia na medida em que diferentes leituras produzem resultados diversos, conforme o leitor acentua mais ou menos as sílabas no verso.

Na visão de Tynianov (1975, p. 20), no decurso da poesia, sucedem-se períodos que se caracterizam ora por prevalecer o aspecto acústico na produção poética, ora por enfatizar outros componentes do verso, lançando para segundo plano o elemento acústico. Não obstante os autores valorizarem em medidas diferentes os aspectos rítmicos e semânticos, ambos reconhecem a união indissolúvel entre esses aspectos no campo da composição poética.

Por ser um aspecto fundamental do poema, a experiência auditiva estética é sempre carregada de significado, conforme apresenta Emil Staiger, em *Conceitos fundamentais da poética*: “Na criação lírica, ao contrário, metro, rima e ritmo surgem em uníssono com as frases. Não se distinguem entre si, e assim não existe forma aqui e conteúdo ali.” (STAIGER, 1977, p. 10). No poema de Thiago de Mello em questão, o ritmo é potencializado pela leitura em voz alta, o qual permite perceber a distensão estabelecida no encadeamento fluido da sequenciação das estrofes e no espaço entre as consoantes que marcam esse ritmo, que aumenta à medida que o poema avança, ampliando a força da aliteração dentro da declamação.

Notamos no poema também a presença de algumas aliterações que se apresentam sempre no início dos versos, “limpo lodo do tempo”, “laivos de lanhos”, “Fagulhas ficam de estrelas”, “**pr**óprias das **pr**ofundidades”, “**re**síduos de **ra**ncor”, “**ca**racóis de **co**nchas”. Essas aliterações intensificam ainda mais o sentido dos versos, ordenando melhor as ideias e as situações que são alvo da reflexão do eu-lírico.

A assonância, repetição harmônica dos sons vogais, também é recorrente neste poema, atendendo a uma função também semântica, ao auxiliar na composição do efeito sonoro que está atrelado ao conteúdo do discurso poético. A recorrência do contraste entre os sons vogais abertos (/a/, /e/, /o/) e fechados (/i/, /ê/, /ô/), aponta para um estado anímico oscilante, alternando-se entre o tom mais alegre e o reflexivo. Associado a isso, a cadência irregular da estrutura formal dos versos também lembra uma onda do rio em rebojo, denotando o estado de inflexão do eu-lírico perante a vida.

No plano morfológico, o poema de Thiago de Mello é especialmente revelador, tendo em vista que nele, o poeta explora ao máximo as potencialidades da palavra. Nele, localizam-se alguns traços morfológicos que vão se articulando para construir uma musicalidade e um sentido expressivo dos questionamentos humanos frente ao rio, metáfora do tempo e da vida.

Predomina no poema o emprego dos verbos nos tempos presente e pretérito perfeito do modo indicativo, o que aponta para um movimento de reflexão de “acerto de contas” do eu-lírico com o passado que ressoa no presente. As ações do verbo que se encontram no tempo presente, apontam para uma reflexão desenvolvida no momento de encontro com as águas, denotando, em sua maioria, ações atribuídas às águas e ao rio: “sabem”, “roça”, “estou”, “estás”, “sou”, “és”, “queima”, “acompanha”, “frequenta”, “murcham”, “adormecem”, “ficam”, “apagam”. O emprego dos verbos no pretérito perfeito se faz presente em ações, tais como: “descobriu”, “escondi”, “revelou”, “perdeu”, “disse”, “deixou”, “aprendeu”, “calou”, “viu”, “quis”, “agradou”, “ouvi”, “preferiu”. A recorrência desses tempos verbais que colocam em evidência um discurso voltado a uma reflexão sobre ações passadas que se concluíram no tempo aponta também para a uma descontinuidade da ação. Desse modo, o poeta confere ao texto uma carga de subjetividade à ação passada, como se estivesse em contato com suas lembranças mais íntimas em um momento de ajuste de contas.

O plano morfológico é também caracterizado pelo emprego de substantivos ligados à poética do rio: “águas”, “braçadas”, “crista de espuma”, “lágrimas”, “lodo”, “pedras esverdeadas”, “profundezas”, “barbatanas”, “caracóis”, “conchas”, “rio”, “flor d’água”. Todos esses substantivos estabelecem relação com a metáfora matriz, o “rio”.

No plano sintático, predomina no poema a “ordem indireta”, fazendo uso de anacolutos, hipérbatos entre outras figuras de construção para indicar o movimento irregular do ir e vir das ondas do rio, oscilando entre o passado e o presente:

Já não me queima, acompanha/a obstinação desmedida/
 Crista de espuma esmaltada/O silêncio me revela/
 Fagulhas ficam de estrelas/no cerne de quem viu mundos.
 Vagaroso subo ao sol
 (MELLO, 2015, p. 24).

Predominam no poema as “orações subordinadas”, marcando o prolongamento das experiências vividas pelo eu-lírico. A preferência pelos períodos longos, marcados pela construção lírica bem elaborada, contribui para configurar o aspecto de revelação dos acontecimentos presentes no poema, indicando o encontro do eu-poético com a água-vida em sua plenitude, numa relação harmônica do homem com a natureza.

O nível semântico trabalhado por Thiago de Mello traz a ideia de encontro entre passado e presente, de sondagem e aprendizagem do homem diante do rio. O poema é rico em recursos estilísticos variados, congregando de modo harmônico traços do parnasianismo, do simbolismo

e da poesia contemporânea, que se mesclam na maneira paradoxal de refletir sobre a vida e suas circunstâncias através do tempo.

O poema “Com o silêncio molhado das funduras do meu rio” expressa no jogo de palavras do próprio título uma harmonização entre as sensações e sentimentos que irá expressar no percurso de suas estrofes. Para tanto, faz uso de várias metáforas sinestésicas, figura de linguagem por meio da qual mescla sensações por meio da combinação ou fusão de diversas impressões sensoriais, sejam elas visuais, olfativas, gustativas, auditivas e tácteis entre si. Nos trechos a seguir, observamos a mistura dessas sensações e sentimentos:

ninguém me disse a verdade/
 como o **silêncio molhado** das **sonoras profundezas**. (...)
 O **limpo lodo** do tempo **me roça a luz** da pergunta (...)
palavras murchas, resíduos/de lágrimas escondidas (...)
 asas de um **cisne negro**,/ **brasas que adormecem cinzas** (...)
fagulhas ficam **de estrelas**,/ no cerne de quem viu mundos (...)
 (MELLO, 2015, p. 24).

A criação do universo poético de Thiago de Mello se instaura em um convite para o leitor deixar-se levar pela torrente de palavras, sentidos e musicalidade, deixando o rio “se enfiar por uns desvãos” de seu ser, “onde se esconde o invisível”. Conforme defende Octavio Paz (2009, p. 48), a imagem “é um recurso desesperado contra o silêncio que nos invade cada vez que tentamos exprimir a terrível experiência do que nos rodeia e de nós mesmos”. Nesse jogo de sensações e visualidades, o poeta constrói imagens de uma riqueza sinestésica característica, que apresentam múltiplos significados.

Conforme afirma Mikel Dufrenne (1969, p. 98), as palavras são propriamente símbolos, não se limitam a uma significação uniforme. A poesia é responsável por produzir a linguagem quando a transfigura de um lugar comum em imagens poéticas, isso porque “o poeta é o Homem que deixa falar a linguagem ou a coloca em estado de falar-nos” (DUFRENNE, 1969, p. 51). Nessa perspectiva, observamos que a poética das águas de Thiago de Mello tem em sua relação com a Natureza uma realidade inesgotável, que se instaura por meio da observação e da contemplação. Assim, no poema em questão, as sinestésias constituem o mecanismo pelo qual o eu-lírico sente que está integrado à Natureza e pelo qual conhece e é dado a conhecer. Dessa interação, nascem versos que expõem imagens criadoras de um olhar poético humanizador.

Na tentativa de compreender a ebulição de seus sentimentos interiores, o eu-lírico interpela e é interpelado pelo rio, numa relação de aprendizagem solidária:

O limpo lodo do tempo
me roça a luz da pergunta:
_ *Sabes acaso onde estás?*
Estou como sempre sou.
_ *Já sabes dizer quem és?*
_ Me saber já é o de somenos
nestas últimas braçadas.
(MELLO, 2015, p. 24).

Ao mesmo tempo em que o eu-lírico reconhece que “As águas sabem” e entende os mistérios profundos da natureza humana, revela também “O espanto do rio”, ao descobrir no silêncio molhado que haviam se dissipado do coração do poeta os “resíduos de rancor” dissolvidos “na espessura impenetrável da memória adormecida”.

A metáfora-mestra em todo o poema é o “rio”, que remete ao significado de “tempo” e de “vida”. Toda a atmosfera poética criada gira em torno dessa ideia do “tempo” passando, levando e trazendo novos elementos à “vida” do eu-lírico. A ação contínua das águas na vida do poeta, revelando que “O tempo não apaga/água não sabe lavar”, é evidenciada no poema como uma canção, com ritmo, sons e harmonia. O eu-lírico expressa uma cumplicidade e parceria com as águas do rio e com o tempo, desenvolvida ao longo dos acontecimentos da vida. Com a maturidade, já não questiona mais a ação avassaladora do tempo. O poema revela um estado anímico que ao mesmo tempo é de descoberta, consolo, mas também de libertação. Há uma espécie de comunhão e nostalgia, estabelecidas no diálogo com o interlocutor na última estrofe:

Vagaroso subo ao sol,
me agasalho na flor d’água.
Sem me queixar do que sou,
deixo o rio me levar
guiado por seu amor.
(MELLO, 2015, p. 27).

O poema apresenta marcas de um profundo lirismo, acentuado pela presença de uma dicção amorosa de instigante interlocução com as águas, que se estabelece em um diálogo cheio de ternura, simbolismos e afetividades. No poema em questão, apresenta-se uma densidade ao mesmo tempo crua e delicada, evidenciada em um jogo de palavras repleto de vida e movimento, em que é possível ouvir o ritmo dos versos e o movimento das águas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na obra *Acerto de Contas*, de Thiago de Mello (2015), observamos que o eu-lírico, apresenta-se projetado tanto no espaço da enunciação quanto no espaço do enunciado, evidenciando que o poeta confirma em seus versos sua atitude insubmissa de continuar cantando com profundidade os dramas da condição humana na perspectiva de seu lugar no mundo, como um ser da Amazônia. Em sua poética das águas, observamos a defesa do humano em um terno convite para conhecer e reconhecer-se em seu espaço vivido a fim de alçar o distanciamento necessário para conseguir dialogar consigo mesmo e com o outro.

Por meio da análise dos poemas contidos nesta obra, percebemos a importância do elemento “água” como símbolo para representar o lugar do poeta como ser no mundo. Com base na poética das águas de Bachelard (2002), compreendemos a relação de interação do poeta com seu espaço, a Amazônia, evocando sentimentos e emoções que transcendem o plano regional para entrar em contato com o que é comum a todos nós, as inquietações sobre o sentido de nossa própria existência no mundo.

Nos poemas em análise, as figurações do “rio” e das “águas” foram utilizadas para falar das grandes questões humanas e do “acerto de contas” do homem frente ao tempo e à vida. O poeta cumpre o seu destino, apesar das perdas e dos desencontros. Segue fiel à poesia e à sua utopia de um futuro mais esperançoso para a humanidade, carregando no peito um coração insubmisso e na alma um desejo de liberdade. Persiste, assim, em seu compromisso com a humanidade, com o amanhã e com a utopia.

Nesse panorama, a poesia figura como uma forma de “ser” e “estar” no mundo, tornando-o capaz de vivê-lo e de compreendê-lo. Nesses tempos de apatia, seu canto irrompe na escuridão e se revela repleto de sinuosidades, como as ondas do rio, nos despertando do medo e da indiferença. A poesia comprometida e insubmissa de Thiago de Mello, em sua celebração da utopia, da vida e da liberdade, nos ensina que, apesar dos ventos contrários, é possível continuar livre até às “últimas braçadas”, mantendo-se fiel a si mesmo em seu “acerto de contas” com a vida.

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos*. Trad. Antonio de Pádua Denesi. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

- BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. A renovação do discurso historiográfico brasileiro. In: ANTUNES, Benedito; FERREIRA, Sandra (Orgs.). *50 anos depois: estudos literários no Brasil contemporâneo*. São Paulo: UNESP, 2014.
- BRIK, O. Ritmo e Sintaxe. In: Vários. *Teoria da Literatura: Formalistas Russos*. 3 ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1976, p. 131-139.
- BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- DUFRENNE, Mikel. *O poético*. Porto Alegre: Editora Globo, 1969.
- LIMA, Pollyanna Furtado. *Thiago de Mello: fortuna crítica (1951 a 1960)*. 2012. 192f. Dissertação (Mestrado em Letras - Estudos Literários). Universidade Federal do Amazonas Manaus: UFAM, 2012.
- MELLO, Thiago de. *A canção do amor armado*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.
- MELLO, Thiago de. *A lenda da rosa*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1956.
- MELLO, Thiago de. *Acerto de Contas*. São Paulo: Global, 2015.
- MELLO, Thiago de. *Como sou*. Seleção de Poemas de Thiago de Mello. São Paulo: Editora Global, 2013.
- MELLO, Thiago de. *Faz escuro mas eu canto*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.
- MELLO, Thiago de. *Horóscopo para os que estão vivos*. Rio de Janeiro: Ciro Fernandes Editor, 1978.
- MELLO, Thiago de. *Manaus – Amor e Memória*. São Paulo: Martin Fontes, 1984.
- MELLO, Thiago de. *Meio século de poesia*. Entrevista concedida a Fabrício Carpinejar. Disponível em: http://www.palavrarte.com/entrevistas/entrev_carpinejar_thiogodemello.htm. Acesso em: 8 set. 2013.
- MELLO, Thiago de. *Mormaço na Floresta*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.
- MELLO, Thiago de. *Campo de Milagres*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- MELLO, Thiago de. *Narciso cego*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1952.
- MELLO, Thiago de. *Num campo de margaridas*. Civilização Brasileira, 1986.
- MELLO, Thiago de. O desafio do exílio. In: *Cadernos de Debates Refúgio, Migrações e Cidadania*. Brasília: Instituto Migrações e Direitos Humanos. v.3, n. 3, 2008.
- MELLO, Thiago de. *Os estatutos do homem*. São Paulo, Martins Fontes, 1977.
- MELLO, Thiago de. *Poemas preferidos pelo autor e seus leitores*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- MELLO, Thiago de. *Poesia comprometida com a minha e a tua vida*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.
- MELLO, Thiago de. *Silêncio e palavra*. Rio de Janeiro: Edições Hipocampo, 1951.
- MELLO, Thiago de. *Thiago em Haikai*. De Sergio Bath. Rio de Janeiro: Edições
- MELLO, Thiago de. *Vento geral*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1960.
- MELLO, Thiago de; MELLO, Isabella Patrícia Costa Rodrigues Thiago de. *Dossiê Thiago de Mello: patrimônio histórico*. Rio de Janeiro: Projetos Especiais, 2017.
- NASCIMENTO, Cássia Maria Bezerra do. *A Complexidade nos Estatutos do Homem Thiago de Mello*. 2014. 310f. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia). Universidade Federal do Amazonas. Manaus: UFAM, 2014.
- PAZ, Octavio. *O arco e a lira*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.
- PAZ, Octavio. *Signos em rotação*. São Paulo. Perspectiva. 2009.
- STAIGER, Emil. *Conceitos Fundamentais da Poética*. Tradução de Celeste Aída Galeão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1977.
- TYNIANOV, Iuri. O ritmo como fator construtivo do verso. In: LIMA, Luiz Costa. *Teoria da literatura em suas fontes*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.
- TYNIANOV, Iuri. *O problema da linguagem poética I: o ritmo como elemento construtivo do verso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

